**O EU ENUNCIADO COMO (RE) EXISTÊNCIA NA CIDADE: A LITERATURA DE CAROLINA DE JESUS E O RAP DOS RACIONAIS**

**Lourdes de Fátima B. Carril[[1]](#footnote-1)**

**Alan Pereira Silva [[2]](#footnote-2)**

**Resumo.**

O fim da escravidão não significou a integração do negro em relações democráticas liberais; pelo contrário, a desigualdade racial tornou-se o *ethos* social, que se atualiza em tempos neoliberais. A construção do Ideal de Eu pautado na branquitude constitui para os afro-brasileiros um grande desafio. A colonialidade do poder fundamenta o racismo no mundo ocidental, havendo a necessidade de descolonizar as práticas e os currículos escolares. Este artigo busca refletir sobre o livro Quarto de Despejo – Diário de uma favelada, de Carolina de Jesus e o rap Negro Drama, dos Racionais MCs, em diálogo com a Geografia Crítica. Estes temas são parte das pesquisas realizadas numa geografia das desigualdades raciais. Parte-se do método dialético para pensar as potencialidades de uma educação libertadora, junto à juventude periférica, como base à enunciação do Eu como (re) existência.

**Palavras-chave:** Desigualdade Racial. Branquitude. Ideal do Eu. Literatura. *Rap*.

**THE SELF ENUNCIATED AS (RE) EXISTENCE IN THE CITY: THE LITERATURE OF CAROLINA DE JESUS AND THE RAP OF RACIONAIS MCS**

**Abstract.**

The end of slavery did not mean the incorporation of black people into liberal democratic relations; on the contrary, racial inequality has become the social ethos, which is updated in neoliberal times. The construction of the Self-Ideal based on whiteness is a great challenge for Afro-Brazilian people. The coloniality of power grounds racism in the western world, therefore there is the need of decolonize school practices and curricula. The goal of this article is to reflect about the book Quarto de Despejo - Diary of a favela, by Carolina de Jesus and the rap Negro Drama, by Racionais MCs, by dialoguing with Critical Geography. These themes are part of the research done in the geography of racial inequalities. The dialectical method is used to think about the potential of a liberating education, with the peripheral youth, as basis to the enunciation of the Self as (re) existence.

**Keywords:** Racial Inequality. Whiteness. Self-Ideal. Literature. Rap.

**EL YO ENUNCIADO COMO (RE) EXISTENCIA EN LA CIUDAD: LA LITERATURA DE CAROLINA DE JESÚS Y EL RAP DE RACIONAIS**

**Resumen.**

El fin de la esclavitud no proporcionó la integración de los negros en las relaciones democráticas liberales; por el contrario, la desigualdad racial se ha convertido en el ethos social, que se actualiza en la época neoliberal. La construcción del Ideal del Ego basado en la blancura es un gran desafío para los Afrobrasileños. La colonialidad del poder subyace al racismo en el mundo occidental, lo que genera la necesidad de descolonizar las prácticas y lo currículo escolares. Este artículo busca reflexionar sobre el libro Quarto de Despejo - Diario de una favelada, de Carolina de Jesus y el rap Negro Drama, de Racionais MCs, en diálogo con la Geografía Crítica. Estos temas forman la investigación realizada en una geografía de desigualdades raciales. Se parte del método dialéctico para pensar en las potencialidades de una educación liberadora, con la juventud periférica, base a la enunciación del Yo como (re) existencia.

**Palabras clave:** Desigualdad Racial. Blancura. Ideal del Ego. Literatura. *Rap*.

**Introdução: Enunciar o EU e reexistir**

Eu disse: O meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa*[[3]](#footnote-3)*

É possível que, diariamente, mulheres negras, no Brasil, ouçam e vivenciem essa resposta aos seus anseios, concomitantemente ao processo social que lhes designou o trabalho doméstico como destino. São inúmeros os exemplos do imaginário social que se concretizam no cotidiano, em fotografias nas revistas e jornais, na mídia e até nas telenovelas, onde a mulher negra, poucas vezes, é mostrada como escritora, professora, jornalista e advogada, entre outras profissões. Contrariando esse enunciado racial, Conceição Evaristo concorreu à vaga na Academia Brasileira de Letras, em 2018, antes ocupada pelo cineasta, Nelson Pereira dos Santos, e, embora Cacá Diegues tenha sido escolhido, foi muito importante a presença de uma candidatura defendida por movimentos negros e feministas. Seria a 1ª. Escritora negra da Academia Brasileira de Letras (ABL). Neste ano, Carolina Maria de Jesus foi reconhecida como Doutora Honoris Causa, pela UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Famosa pela obra Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, publicada em 1960, Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil a ser amplamente publicada nacional e internacionalmente, sendo considerada uma das mais importantes do país.

Em Marx, as determinações sociais são um constructo da análise dialética, concebendo seu ponto de partida a vida social e material. O método pressupõe um sujeito que assume uma postura política de desvelamento da aparência, apontando suas contradições, seus fundamentos ideológicos e mediações com a totalidade social (SANTOS, 2006). Há, contudo, acima, elementos para se pensar sobre a difícil situação dos marginalizados e oprimidos em enfrentarem a desigualdade de poder, de riqueza e de status no mundo. Em outras, palavras, a generalização da mercadoria como parte inerente às relações econômicas e sociais capitalistas, ao longo do século XX, se estabelece assumindo dimensões qualitativamente novas no seio da crise da reprodução social. Isto significa que as formas da alienação se constituem alcançando não somente o campo do comércio, da produção econômica, mas das subjetividades, pela expansão da sociedade de consumo, implicando na vida consumida para o consumo na “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997). Portanto, nas condições históricas do capitalismo global, a barbárie é estabelecida como gestão da sociedade. É nesse processo que se pode assim pensar o fenômeno do estranhamento:” O desenvolvimento das forças produtivas é necessariamente também o desenvolvimento da capacidade humana, mas – e aqui emerge praticamente o problema do estranhamento – o desenvolvimento da personalidade humana” (LUKÁCS, 1970 apud ALVES, 2013, p. 60).

Nesse sentido, a educação é um campo de contradições em que as práticas pedagógicas devem ser repensadas a favor da educação libertadora. A abordagem de Freire (1987) postula a educação a partir de um trabalho autoconsciente cuja mediação é a escola e o professor que, promovendo uma pedagogia crítica, pressupõe a desalienação e autodeterminação na vida social. Numa sociedade estratificada pela cor da pele, como no Brasil, consagra-se o lugar social a partir dos efeitos simbólicos e estruturais herdados da história da escravidão, os quais vigoram, também, na educação.

Na sociedade brasileira, desde a crise da instituição escravista e o legado pós abolição, constituiu-se a necessidade de explicitar os meios pelos quais o racismo estrutural atua (ALMEIDA, 2018) dentre um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais, as quais privilegiam um grupo social em detrimento de outro. A longa negação do racismo brasileiro, exclui, na prática os negros das condições de atuarem em termos competitivos no mercado de trabalho, na escola, nas universidades. Para além da materialidade econômica, a qual estabeleceu um lugar na força de trabalho limítrofe ao crescimento econômico capitalista brasileiro, e mesmo de exclusão explicitada na carência do trabalho e na precariedade da reprodução social da família negra (FERNANDES, 1978), existem feridas narcísicas profundas descortinadas por Santos (1983). A autora de *Tornar-se Negro* analisa como o sentimento de perda de autoestima, a autodesvalorização e submissão, bem como a melancolia, são estados frequentes que assolam o negro e a negra e os prejudicam na sua autoafirmação de sujeitos. Além das expectativas sociais sobre o seu lugar de trabalho, o enredamento na busca do Ideal de Eu que reflete a branquitude como pressuposto social de poder social, econômico e político no Brasil, acarreta sofrimento psíquico, o conformismo e experiências conflitantes:

O negro que elege o branco como Ideal do Ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro Ideal de Ego. Um novo Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a História. Um Ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da História (SANTOS, 1983, p. 43-44).

O existir no mundo passa, segundo a autora, pela construção desalienante do Eu a partir de outro Ideal de Ego, que rompa com a ilusão da máscara social que é conferida ao negro, e que identifique tais determinações com a própria ideia da morte que lhes ronda a cada dia: morte do ser, morte do corpo, morte do existir. Entendemos que a literatura de Carolina de Jesus e o movimento *Hip Hop* seriam manifestações dessa condição de cura através da palavra e da música (DUNCAN-ANDRADE, 2008). Nesse sentido, a linguagem enquanto arte e movimento, traz consigo a universalidade humana, tanto em termos subjetivos, quanto objetivos, no sentido de provocar novos níveis de consciência.

O presente artigo pretende analisar alguns pontos comuns e subjacentes à escrita de Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus e do rap Negro Drama, dos Racionais MC´s, que, em períodos distintos da urbanização brasileira, foram capazes de traduzir a vida dos negros periféricos. Carolina de Jesus publica seu livro, em 1960, enquanto a canção *Negro Drama*, é de 2002.Tais reflexões emergem de pesquisa realizada na UFSCar[[4]](#footnote-4) do diálogo com as literaturas marginais e do *hip hop[[5]](#footnote-5)* visando entender se é possível delimitar um campo de enunciação do Eu que reverta a dialética Eu-Outro, na qual, fundamentalmente, esse outro não existe. Ao serem levadas às aulas de geografia, na educação básica, essas expressões artísticas podem ser referenciais para colocar em prática uma pedagogia crítica antirracista. Trata-se, de um lado, pensar a própria pesquisa e avançar possivelmente nas suas premissas, de outro, seguir alguns caminhos que derivam do núcleo que a sustenta, mas que evidenciam alguns de seus traços desconstrutivos do colonialismo presente em nossas relações sociais cotidianas e educacionais.

O livro *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus e o *rap* *Negro Drama*, compõem a base empírica pela qual procuramos pensar a descolonização da literatura e da arte, junto a uma pedagogia crítica e descolonial (MIGNOLO, 2009; QUIJANO, 2010; HOOKS, 2013), na medida em que consideramos traduzirem o pensamento afro-brasileiro em diálogo com a história e a crítica social que lhes permitiram romper com determinados paradigmas acadêmicos, usualmente reconhecidos na linguagem culta, e no território de vanguarda da música popular brasileira.

Não se trata de diminuir ou relativizar o valor e o peso de movimentos da música popular brasileira, sobretudo, na sua face mais expressiva da cultura híbrida nacional, que comporta um profundo reconhecimento de inúmeros traços sociais e culturais, tanto locais, regionais e nacionais, se articulando com a internacionalização cultural e econômica. Soares aponta o sincretismo na experiência tropicalista, no Brasil do final dos anos 1960 (SOARES, 2019, p. 151), como uma forma inovadora e crítica do período autoritário no qual emergiu. A originalidade das composições dessa fase da Música Popular Brasileira (MPB) está, segundo esse autor, na valorização do passado do país e de sua tradição cultural, incorporando o movimento antropofágico ao mesmo tempo em que se relacionando com a alteridade no campo da cultura, numa “estética da recepção libertária e generosa, compatível com a vitalidade exuberante de uma democracia cultural dinâmica, inclusiva e criativa que o Brasil jamais conhecera antes” (idem, p. 165). Trata-se, no entanto, de outro lugar social no qual, a periferia não fala, num país que consolida um modelo urbano industrial, criando as condições históricas concretas que levaram à periferização urbana do negro. A extensa saída do campo para as cidades, sobretudo, São Paulo, para onde Carolina de Jesus se dirigiu quando saiu de Sacramento (MG), em 1937, é um processo que, além de atender às necessidades capitalistas por novas frentes de trabalho subempregado, alimenta a concentração das riquezas, e reforça os níveis de hierarquização racial, justificada pela baixa qualificação do trabalhador negro e uma incapacidade de atender às formas modernas do capital.

Há neste contexto exposto em *Quarto de Despejo* uma dialética do espaço vivido, do cotidiano, diante do processo de modernização social; há uma dialética do eu e do outro, que pode ser apreendida no nível do fenômeno, mas sempre correspondendo aos níveis mais profundos historicamente produzidos das desigualdades sociais e raciais, em que se silencia o negro. Contudo, consideramos que essa dialética que se manifesta nas relações sociais engendradas no espaço do campo/migração/cidade é, também, o motor da formação da identidade de Carolina. Nos parece que, nesse trânsito, a existência do ser diante das interconexões que ele trava ao longo da vida, forma a identidade de Carolina (SILVA, 2020).

Essas interconexões ao longo da vida de Carolina são reveladoras de aspectos importantes na formação econômico social brasileira. Nesta, o devir do negro está diretamente relacionado às contradições herdadas da colonização e do processo de urbano-industrialização e da modernização ocorrida em meados do século XX. Formando, segundo Milton Santos (2007), uma cidadania mutilada que, ao longo do século XX, reforçou a herança ou permanência de relações colonialistas.

Essa linguagem crítica da realidade por meio da arte, também, é pertinente quanto ao *rap*, mundializado a partir da indústria cultural norte americana. Servindo-se de contribuições dos *sound-systems[[6]](#footnote-6)* jamaicanos, a cultura de rua e das gangues das áreas urbanas dos Estados Unidos, como o Bronx, o *rap*, o break e o grafite[[7]](#footnote-7) conhecem a incorporação e ampliação dessa linguagem, que vai para o mundo, inclusive, chegando ao Brasil, na década de 1980. Em 25 de janeiro de 1989, o produtor musical, Milton Sales, criou o Movimento Hip-Hop Organizado – MH20, com o objetivo de constituir os grupos de *rap* nascidos das equipes de *Break*, que se reuniam na rua São Bento, desde o início da década, depois se integrando ao Geledés[[8]](#footnote-8).

Ao final da do século passado, o *rap* brasileiro será representado por um de seus maiores grupos: os Racionais MC’s. Suas letras transmitem as feridas causadas pelo racismo, sob a violência urbana, em que as periferias são expostas, impetrando-se todo o tipo de terror policial, exclusão social e estigmatismos, e encontram nos estudantes negros periféricos grande receptividade. Permitindo a identificação de elementos de denúncia e autoafirmação do corpo negro e de sua consciência de sujeitos sociais, o *rap* estabelece, em nosso entender, uma dialética Eu-Outro, na prática libertadora da opressão e da mesma maneira, a representação social na literatura de Carolina, constitui a formação de um sujeito atuante no processo histórico, produzindo a sua (re) existência.

Mbembe (2014), ao pensar o mundo pós-colonial, analisa os dilemas da linguagem, esta que estrutura o mundo e as relações. A linguagem é central na constituição do sujeito, mas nos constituímos pelo Grande Outro, a partir de seu desejo (DUNKER, 2015). O mundo social e suas representações, linguagens e atos formam o sujeito, mas esta formação é sempre realizada de forma intersubjetiva. O Ocidente branco, segundo o autor camaronês, criou a ficção da raça como base de constituição da noção de civilização e, posteriormente, das noções de modernidade empreendidas pela Europa. Esse projeto foi e ainda costuma ser usado para desautorizar outros conhecimentos de mundo como legítimos de ontologia e racionalidade. Nesse sentido, Mbembe nos deixa a indagação sobre as possibilidades de construir-se um outro mundo diferente, dele emergindo não o racismo como estrutura, mas outra forma ontológica em que o centro não seja o branco. Esta questão traduz o grande dilema para o negro e à sua libertação, pois seus corpos existem pela fala do outro, mas como algo que se torna objeto de projeção de tudo o que não é bom e é negado no corpo branco. Essa crítica aparece no projeto fanoniano, que tentou conferir humanidade ao Negro, por meio da demonstração de que os sujeitos brancos constroem a ficção racial cuja dinâmica age fortemente em todos os corpos negros e os levam a vestir máscaras brancas para não morrerem:

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada...articular uma linguagem própria (FANON, 2008).

Pensar essa problemática de longa duração nos leva a questionar o papel dos currículos e projetos pedagógicos que venham a questionar e buscar desconstruir as imagens forjadas que deslegitimam os jovens e construir um outro caminho em que se reconstrua a integridade psíquica e histórica dos sujeitos que passam pelas vagas diaspóricas. A escravidão e as viagens pelo Atlântico não foram as últimas saídas forçadas dos afrobrasileiros. Migrações, transculturações, dilapidação cultural e assimilação de outros valores, sempre constituíram perdas de identidades, reterritorializações e resistências.

Há de, nesse sentido, se trabalhar em sala de aula, as matrizes e as identidades constituídas da cultura africana e afro-brasileira. É o que nos convoca a Lei 10.639/2003 e Lei 11.645/2008[[9]](#footnote-9), que há tempos foram criadas, com o intuito de descolonizar os currículos e as práticas pedagógicas em sala de aula.

**Perspectiva descolonial como parte da relação geografia-literatura, geografia-rap**

Sob a perspectiva descolonial, passamos a entender que a ideia de Modernidade se constitui na história das relações entre o Ocidente e as regiões coloniais da história das Américas, da África e Ásia. O processo colonial produziu regiões empobrecidas e dependentes social, econômica e politicamente. O racismo foi o método instituído para justificar toda a rede de dominação que dura até hoje no capitalismo na sua fase neoliberal, acarretando patologias psíquicas e a servidão. Isso significa que, mesmo após os processos de emancipação colonial, tendo se tornadas independentes as antigas colônias das metrópoles, o mundo que se construiu carrega consigo as marcas da colonialidade do poder (QUIJANO, 2010). A expansão e instituição das ideias culturais que sustentam a produção e a reprodução da lógica sistêmica capitalista tem como fundamento, conforme o autor, a imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo ocidental: uma lógica fundante de configurações culturais e identitárias hegemonicamente instituídas para além do mundo colonial. No conceito de colonialidade, analisamos estarem envolvidos processos de apagamento das diferentes identidades de índios, negros, mulheres, camponeses, comunidades periféricas e outras singularidades.

Segundo Grosfoguel (2008, p. 2), será necessário repensar as análises da geopolítica sistematicamente apresentadas sob a ótica globalista a partir da visão ocidental e, portanto, eurocêntrica. Uma cartografia das relações de poder que traduzisse, ao invés de poder global capitalista, mas “europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal”. Tais processos partiriam, sobretudo, da maneira sob a qual vozes e atos denunciam de forma contundente as “formas de dominação e exploração sexual, política, epistémica, económica, espiritual, linguística e racial, em que a hierarquia étnico-racial do fosso cavado entre o europeu e o não-europeu reconfigura transversalmente todas as restantes estruturas globais de poder”.

Nesse sentido, Fanon (2008, p. 26) diz que o “negro não é um homem” (ou mulher), pois “há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida” ... contudo, “onde um autêntico ressurgimento pode acontecer”. Além disso, Fanon, realizando uma análise psicológica do negro, evidencia que para ocorrer a sua desalienação, está implícita uma tomada de consciência de sua realidade econômica e social, para ele, “só há complexo de inferioridade após um duplo processo: 1 - Inicialmente econômico; 2 - em segundo pela interiorização, ou melhor pela epidermização dessa inferioridade” (FANON, 2008, p. 28). Ao apresentar o elemento econômico e a inferiorização dada pela epiderme como elementos dos estigmas do negro, mostra uma forma de analisarmos a intersubjetividade do eu (negro) com o outro (branco) através do que denominamos de espaço vivido, onde “um ser que encerra em seu ser o ser do outro” (SARTRE, 2005, apud SERPA, 2019, p.32).

Neste processo, põe-se a questão: Como poderiam ser desenvolvidas práticas pedagógicas que pusessem em contato, vida, representação e conhecimento? Pensamos que uma pedagogia crítica descolonial possibilitaria ao sujeito o reconhecimento e a valorização de significados cruciais para a integração entre sujeito e história.

**Geografia da sala de aula: o rap e a literatura na realidade social dos/as estudantes**

A apropriação do *rap* pela educação vem sendo uma experiência em países racistas como os Estados Unidos e mesmo no Brasil. Uma proposta recente é a publicação do álbum, mundialmente conhecido, de Lauryn Hill, *The Miseducation*. O título do disco foi inspirado no livro *The Mis-Education of the Negro*, escrito pelo Dr. Carter G. Woodson, de 1933, que pensa a independência do negro ser condicionado a negar o lugar que lhe é dado na sociedade, o lugar da subalternidade. Fica claro que o autor entendia o campo educacional como privilegiado, independentemente de sua formalização, para os negros aprenderem mais sobre si mesmos, sua cultura e *não depender de ninguém para nada*.[[10]](#footnote-10). A primeira faixa é a entrada de alunos numa escola, o sinal tocando e o professor começa a aula, no tom do rap, ressurgindo entre uma faixa e outra do álbum. Outras faixas demonstram o caminho da emancipação feminina num processo que nada é pacífico, mas que é impulsionado pelo crescente entendimento das potencialidades quando se renuncia às vozes do Outro.

Há experiências como a de São Luís/MA, em que o professor do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Rosenverck Estrela Santos, também, pesquisador do tema, analisou e organizou práticas político-pedagógicas incorporando o movimento social da juventude negra maranhense. O movimento *Hip Hop* organizado do Maranhão, *Quilombo Urbano*, vem desenvolvendo atividades políticas, sociais e culturais entre a juventude negra visando a constituição da identidade étnico-racial. Segundo Rosenverck: “O *Hip Hop* tem um forte apelo ao estudo e aprendizagem, o que proporcionou que dezenas de seus militantes entrassem em universidades públicas e privadas e passassem a desenvolver atividades referenciadas no movimento”[[11]](#footnote-11)

As relações entre geografia, literatura e música, estão presentes nas epistemologias geográficas, sendo parte dos movimentos críticos da Geografia. Trabalhos como as de Guimarães (2008) e Barrozo (2019), contemplam um campo de Geografia e Literatura, em uma perspectiva antirracista, que contribui para as nossas discussões. No campo da Geografia e da música, o levantamento e a análise que Panitz (2012) realizou sobre Geografia e Música. Ele mostra que, tanto nos Estados Unidos, Europa, América Latina e Brasil, têm se desenvolvido diversas interpretações sobre o tema, demonstrando o estabelecimento de diferentes relações de apropriação da música e seu vínculo espacial e territorial. O autor destaca a história dessas formulações intelectuais, em suas várias vertentes, buscando as origens e tipologias de distribuições mundiais segundo a localização de “áreas da cultura musical”; análises locacionais e tecnologia dos instrumentos musicais, o impacto da música nas paisagens, e, inclusive, a música como recurso didático na sala de aula, como o samba e o *hip hop*. A popularização dos equipamentos digitais é apontada como responsável pelo surgimento de novos artistas e espaços de produção musical. Tais avanços tecnológicos do final do século XX, permitiram conexões espaciais intensas, o que impactou fortemente os estilos musicais e sua migração de um espaço a outro, acarretando a criação de gêneros musicais e interpelações com os modos de vida, a urbanização e os processos de exclusão social, sendo o rap uma crítica ao racismo e às segregações socioespaciais urbanas [[12]](#footnote-12).

Na verdade, é o que vemos acontecer com o movimento hip hop contemporâneo, houve a difusão mundial da música e da dança negra norte-americana, ligando diferentes cidades, como São Paulo, Porto Rico, Lagos, Dakar, Cidade do Cabo e outras. Segundo Ossumare (2015), onde quer que o rap aporte, ele se ligará aos oprimidos, por ser uma cultura globalizada, ela o denomina marginalidades conectivas, sendo ressonâncias que unificam a cultura hip hop, que atravessam paisagens geográficas, como a cultura, classe, opressão e a rebeldia da juventude.

É possível identificar o movimento Hip Hop como detentor de conteúdos políticos significativos de crítica radical à sociedade capitalista contemporânea. Muitos dos jovens que se expressam através da estética rapper se encontram em condições sociais e econômicas adversas, perpassando o uso e o tráfico de drogas, inseridos na pobreza urbana, na precarização das escolas públicas e sem expectativas de empregabilidade. São problemas comuns enfrentados pela juventude negra de diversas metrópoles mundiais, que dividem o passado histórico da escravidão, do racismo, da brutalidade policial e da elevada mortalidade nessa faixa etária. Lutas específicas foram travadas pelos negros norte-americanos a favor da liberdade e contra o racismo abertamente colocado na sociedade norte-americana. Nesse processo histórico, se veem as conexões entre as ideias do *Hip Hop* e as da geração dos direitos civis, porque desde os séculos XVIII e XIX até o atual momento, frente às relações de poder declaradas favoravelmente a uma sociedade dividida, não apenas social e economicamente, mas racialmente também, a questão da autodeterminação do negro torna-se fio condutor da necessidade de reafirmação/reelaboração da luta dos negros nos E.U.A.

**A educação brasileira e as permanências da cultura autoritária**

Trata-se de discorrer sobre o tema adentrando pensamentos, reflexões, práticas e experiências relacionadas ao processo histórico da educação brasileira. Ou seja, significa conduzir a reflexão para os caminhos percorridos no âmbito de nossa formação social e seus sentidos de produzir indivíduos socialmente reconhecidos, capazes de desenvolver os papéis e tarefas relacionadas aos elementos de modernização instituídos e à crítica desta mesma sociedade. Tal questão traz consigo a história das transformações ocorridas no país, desde o final do século XIX, quando já se experimentavam mudanças econômicas num país agrário e em crescente urbanização, mas, ao mesmo tempo, observando-se que, no campo da educação, se mantinham dinâmicas excludentes tecidas no passado escravista e colonial, e que, mesmo após a emancipação, tiveram continuidade no projeto que as elites construíram para a nação independente.

As mudanças políticas e sociais não se estenderam para grande parte da população brasileira, em termos de acesso ao trabalho pelos escravizados livres, trabalhadores rurais, marginais à grande fazenda exportadora, indígenas, mulheres e analfabetos. A entrada de imigrantes, com o intuito de abastecer o oeste paulista de trabalhadores acabou por garantir a continuidade do modelo agrário exportador baseado na intensa exploração de mão de obra, levando à replicação das fazendas de café e ao surgimento de setores comerciais ligados à cafeicultura e indústrias. Mas, não ocorreu a modernização social que se esperava no passar da Colônia à Nação, do Império à República. Apesar dos ventos liberais advindos a partir da Declaração da Independência Norte Americana e da Revolução Francesa e que influenciaram movimentos emancipatórios, como a Independência, a República e a Abolição da Escravidão, não se alteraram as condições de vida de grande parte dos brasileiros. Os que faziam parte dos grupos populares - a grande maioria - não vivenciariam os direitos civis e políticos, sequer ingressariam em relações assalariadas, pois não se constituíra algo próximo das democracias liberais.

A manutenção de uma estrutura de privilégios e não direitos, da política de favor e não da ordem impessoal, da relevância do personalismo, trouxe legado duradouro, impossibilitando que, principalmente, no campo da educação, se alterassem as relações sociais e políticas. Sérgio Buarque de Holanda (1989) traz magistral interpretação, em *Raízes do Brasil*, sobre a posição da personalidade como elemento central de nossa cultura, possibilitando perceber alguns dos entraves à construção de uma ordem coletiva no Brasil, na qual, entendemos teria a escola papel essencial na realização da democracia. É nesse contexto de presunção da importância da pessoa e não do que ela desempenha dentro da sociedade, como fruto de seu trabalho e de seu valor social - mediação entre o sujeito e o social; no peso do valor à cultura erudita, às letras e às palavras e a não submissão às hierarquias, que se gestava a cultura do “bacharelismo”. O prestígio das profissões liberais e o culto à personalidade individual, o amor às letras, trouxe, segundo o autor, não a aproximação com o restante da sociedade, mas, pelo contrário, construiu uma verdadeira fratura social, abismo intransponível entre os populares e os intelectuais, os profissionais liberais e os funcionários do Estado. As ideias não teriam, nesse pressuposto, relações com a realidade, criando-se mundos à parte, produzindo a indiferença para com o conjunto social. A alfabetização não teria o menor sentido nesse contexto. Para Holanda, o velho mundo rural vai cedendo espaço a outro grupo, que conserva seus fundamentos aristocráticos. Assim, o ofício do trabalho se separa fundamentalmente do prazer do espírito que transcende as condições efetivas de vida dos demais (HOLANDA, 1989, ps. 122 e 123).

A separação produzida entre as elites e os demais grupos sociais se traduz na insensibilidade das mesmas sobre a manutenção da grande maioria da sociedade nas condições de pobreza, ignorância e analfabetismo. Na década de 1920, algo como 75% da população em idade escolar era analfabeta, a escola não se estendia a todos e, sobretudo, não aparecia como prioridade do Estado. A crescente urbanização e a expansão da escolaridade não tiveram a contrapartida do acesso dos trabalhadores aos bancos escolares, ao longo do século XX, constituindo a grande dívida social com a educação dos segmentos populares. Mais do que isso, originou um sistema que se retroalimenta nos fundamentos de direitos de poucos em detrimento de muitos.

Os processos sociais que levam os jovens a abandonarem a escola estão ligados, principalmente, às necessidades do ingresso no mercado de trabalho para ajudarem a família, ou a pedagogias desencontradas entre o sujeito e os currículos escolares e, também, às questões relacionadas às condições socioeconômicas e desigualdades étnicas e raciais. São diversos os fatores que podem ser elencados para a reflexão sobre as causas da contínua expulsão das crianças, dos jovens e das novas exclusões daqueles que já foram evadidos, como muito adultos que, hoje, procuram a EJA, levando-se em conta que grande parte dos estudantes que abandonam as escolas são jovens negros[[13]](#footnote-13), seja para de estudar para trabalhar e ajudar as suas famílias, seja por desestímulo e ausência de esperança no futuro a partir da escola enquanto os vínculos com a escola vão se rompendo, inclusive, ou até porque podem ter sido alcançados pelo mundo crime e do tráfico.

Atualmente, é possível verificar que, mesmo com uma quase universalização do ensino fundamental, existem lacunas na alfabetização, na leitura e interpretação dos livros e do mundo, bem como a não finalização do ensino médio. As exclusões escolares continuam a requerer análises contextualizadas e a proposição de projetos pedagógicos diferenciados, currículos críticos e lutas por políticas públicas educacionais relacionadas à educação de jovens e adultos.

**Quarto de Despejo: a urbanização de São Paulo na literatura**

Carolina de Jesus chega à fervilhante São Paulo, em 1937, e passa a trabalhar, principalmente, como empregada doméstica. Em 1948, muda-se grávida de seu primeiro filho, José Carlos, para a favela do Canindé. É apenas em 1955 que começa a registrar em forma de diário os eventos ocorridos na favela e nas suas caminhadas pela cidade em busca de materiais recicláveis dos quais tirava o sustento dos três filhos. Em 1958, o jornalista, Audálio Dantas, passa a publicar matérias sobre Carolina e a vida na favela, sendo lançado, em 1960, o livro que se torna um grande sucesso de vendas – *Quarto de Despejo*. O livro vai demonstrar o cotidiano de Carolina na favela e um outro lado do período desenvolvimentista brasileiro, a pobreza e o início da periferia urbana em São Paulo. O livro teve tiragem de dez mil exemplares, os quais se esgotaram na primeira semana, sendo traduzido em 14 idiomas e vendidos em 40 países[[14]](#footnote-14), demonstrando a universalidade de sua narrativa, mantendo-se atual diante dos problemas urbanos narrados por Carolina na década de 1960.

A vida da escritora, Carolina Maria de Jesus, se dava em dois planos, a realidade muito opressiva, por conta da pobreza, da violência, da fome, e das várias experiências negativas narradas por Carolina e, num outro plano, estas experiências são reelaboradas na sua literatura. Entretanto, a relação com o Outro em sua literatura tem muitas vezes a alteridade distorcida pelo racismo. Carolina encontra na literatura uma forma de se expressar diante de uma prostração que a vida num país onde o racismo é velado, mas, que cria um sentido de morte através do que Achille Mbembe (2018) denomina de *Necropolítica*. Esta política da morte está presente em vários momentos na literatura de Carolina, em *Quarto de Despejo*, ela, a morte, vem com a ideia de suicídio em vários momentos por conta da pobreza.

Então, a noção de fracasso pode aparecer para alguns que analisam a vida de Carolina, principalmente, quando se referem à sua morte, vivendo num sítio em Parelheiros em 1977. Diário de Bitita foi entregue para jornalistas francesas que o publicaram um pouco antes de sua morte, em 1982, na França, e no Brasil, sendo lançado em 1987. Carolina escreveu até o fim da sua vida, entretanto, a sua vida material é colocada em primeiro plano e não a sua literatura, com um discurso sempre remetente à sua pobreza material.

As condições de reprodução da vida (pobreza) e o racismo fizeram com que Carolina encontrasse a liberdade através da consciência de si na escrita. É através da escrita, da sua condição de vida que ela construirá uma parte da sua múltipla consciência de si e reunirá em torno da sua literatura outras pessoas que estão na mesma situação ou que se identifiquem e reconheçam essa literatura como relevante, como reflexo e possibilidade de crítica social.

Neste aspecto, a literatura para Carolina é a sua liberdade, que expressa fatos da realidade que podem servir como elemento de intersubjetividade entre pessoas completamente diferentes, distantes entre si, mas que têm nos fatos narrados por Carolina uma ligação com a sua própria existência. Por isso, sua literatura é a possibilidade, é base para o engajamento de lutas como a de um feminismo da mulher negra, de um movimento social e político de desfavelamento que ocorreu com o desmonte da favela depois da publicação de *Quarto de Despejo*.

O engajamento de Carolina através da literatura demonstra o seu projeto, a sua universalidade e com isso, a sua humanidade, e não soa estranho, na atualidade, Carolina ser invocada como a marco de uma literatura marginal.

**Negro Drama[[15]](#footnote-15): a vida de estudantes na periferia**

O rap Negro Drama representa a fala desse jovem periférico.

*Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura*

*Negro drama, tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança*

*Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas*

*Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura*

*Negro drama, tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança*

*Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas.*

Mano Brown e Edi Rock se revezam ao microfone, misturando suas histórias. O drama é o de ser negro no Brasil, que vive nas periferias da cidade São Paulo, na favela e carrega as dores e o sofrimento, o drama da cadeia, do *Túmulo, sangue, sirene, choros e velas.* Fatos, hoje, conhecidos publicamente, os de que os jovens negros morrem cedo, numa realidade que minimiza suas chances de ter uma vida comum e reforça a presença da morte no cotidiano violento e na descrença da polícia. Segundo Zeni (2004, p. 226):

A música segue na alternância entre a voz em primeira pessoa e a construção da imagem do negro drama. Logo, porém, o rapper faz outro movimento, ao voltar-se diretamente ao ouvinte: "Você deve estar pensando o que você tem a ver com isso". A frase é endereçada a quem o escuta, mas certamente não aos negros, não àqueles que vivem o negro drama, a quem não ocorreria a dúvida de que a rapper suspeita haver em seu interlocutor. O verso parece expor a consciência de que, afinal, ele não fala apenas para os seus iguais, mas para uma população mais ampla, talvez a sociedade como um todo (ZENI, 2004, p. 226).

A denúncia do preconceito racial contra os negros aparece nessa letra, fazendo da palavra meio de reflexão e de exposição dos fatos da vida que marcam o sentimento de fatalismo e prenuncia o pertencimento a um determinado destino na cidade de São Paulo, onde nasceu e vive o líder da banda, Mano Brown: a Zona Sul e algumas de suas localidades, como o Capão Redondo e a Vila Fundão. Mas, é, também, a consciência do lugar social e político ocupado pelos dois *rappers* na sociedade a partir do sucesso alcançado, o que requer mais fortemente que a narrativa seja ampliada para toda a sociedade:

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia

Que sobrevivem em meio às honras e

covardias

Periferias, vielas, cortiços

Você deve tá pensando: O que você tem a

ver com isso?

Contudo, ao proferir o compartilhamento o drama de ser negro no Brasil traz um forte tom de continuar na luta: “Saiu de uma posição de miséria, mas não teve a favela que há dentro dele arrancada de seu peito. Continua sendo irmão dos "trutas de batalha" (ZENI, 2004, p. 227); demonstra a importância do papel de Mano Brown e Edi Rock na narrativa histórica sobre as baixas expectativas de que o negro vença os desafios: *Não foi sempre dito que preto não tem vez?*

A procura da cura ao trauma presente no estigma de ser negro, ter o cabelo crespo e poder vir a sucumbir frente às violências da sociedade está presente. O *rap* alude, assim, à violência urbana que é dirigida aos jovens negros periféricos. À própria história brasileira que carrega a exploração da força de trabalho em suas diversas fases de modernização, desde a senzala até as periferias: “Agora, porém, a violência contra os negros assume um caráter entre moral e selvagem, em que recebe o mérito a farda que pratica o mal”. É à história da urbanização brasileira que alude a canção, que, ao reunir as condições da modernização econômica, a partir da industrialização, restitui, também, a condição social de subalternização do negro brasileiro.

*Ei, São Paulo, terra de arranha-céu*

*A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel*

*Família brasileira, dois contra o mundo*

*Mãe solteira de um promissor vagabundo*

*Luz, câmera e ação, gravando a cena vai*

*Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai*

*Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem*

*você é*

*Sozinho cê num guenta,*

*sozinho cê num*

*entra a pé*

*Cê disse que era bom e as favela ouviu*

*Lá também tem whisky, Red Bull, tênis Nike*

*e fuzil*

*Admito, seus carro é bonito*

*É, eu não sei fazer*

*Internet, videocassete, os carro loco*

*.*

Ao analisar o *rap* *Negro Drama*, encontramos uma forma de reinvenção da linguagem que, ao ser ligada à realidade cotidiana, construída nas periferias da metrópole, reestabelece-se o representado ao representante, mas nela introduzindo uma espécie de linguagem externa a si própria. A crítica à violência a partir da linguagem violenta resulta em uma forma original de se reapropriar da própria linguagem, sobretudo, para aqueles que são excluídos da linguagem culta e que são normalmente considerados incapazes de enveredar pela arte poética.

Essa perspectiva pode ser pensada tanto a propósito da estética musical do *rap* que combina a cultura afro-americana, em seus laços com as culturas negras brasileiras, as quais podem ser identificadas com o repente e cantorias praticadas no Nordeste brasileiro, com o samba e outras expressões tradicionais no Brasil. Uma estética capaz ainda de combinar o universal e o particular, em sua crítica social, como podemos observar noutro trecho do *rap*:

*Desde o início por ouro e prata*

*Olha quem morre, então veja você quem*

*mata*

*Recebe o mérito, a farda que pratica o mal*

*Me ver pobre, preso ou morto já é cultural*

É possível discernir que num espaço de um século a presença da cultura africana foi praticamente removida do centro histórico da cidade de São Paulo, paralelamente à fixação das elites nos bairros nobres centrais, ocorrendo um processo de afastamento contínuo das famílias negras para outros bairros mais distantes até o ponto em que nessa região e nos centros foram se consolidando moradias majoritariamente das famílias brancas paulistanas e nas grandes periferias se concentrava o lócus dessa cultura. Mesmo quando o desenho da periferia se reconfigura, alterando a homogeneidade que até então era observada, condomínios de classe média e alta são construídos próximos às Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Estado de São Paulo (COHAB), Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU) e favelas, a separação entre as classes sociais se manteve.

A constituição de estéticas culturais diversas, *rappers, funkeiros, punks, góticos, emos*, agrupando a juventude como um todo, expressa um mal-estar social e estranhamento em relação às dinâmicas desse urbano instituído (CARRIL, 2015, p. 157).

É exatamente a situação dessa população excluída desde os tempos coloniais que os *rappers*, com sua estética agressiva denunciadora, e os *funkeiros*, têm denunciado em suas músicas. É assim, também que a literatura de Carolina de Jesus descortina a cidade e convida a pensar a geografia.

**Considerações Finais**

Buscamos neste artigo refletir sobre as possibilidades pedagógicas que a literatura e o *Hip Hop* propiciam para o ensino de Geografia da Educação Básica. Entendendo que a sociedade contemporânea se constitui pela sua reprodução crítica, a elevação da mercadoria ao status de formação da personalidade, colonizando as subjetividades, se perpetua na gestão da barbárie nas sociedades de consumo. Evidenciamos que a modernização brasileira tem na sua estrutura a hierarquização étnica e racial. Não sendo apenas parte de uma cultura local, mas constituinte do centro cultural geopolítico do Ocidente, o racismo foi fundamental para a formação das nações modernas.

A lógica fundante da constituição cultural hegemonicamente instituída nas nações modernas surgidas após o processo de descolonização da América Latina, África e Ásia é discutida a partir do conceito de colonialidade do poder[[16]](#footnote-16). Significa que a estrutura das sociedades se retroalimenta pela opressão das diferentes representações simbólicas e práticas socioespaciais de diferentes atores que vivenciam a modernização como projeto único e hegemônico, reatualizando a cada momento, as exclusões e deslegitimizações de segmentos étnicos, raciais, de gênero, sexualidade e territorialidades. É assim que a branquitude se apresenta como modelo Ideal de Eu, acarretando a autodesvalorização, alienação de si e incorporação do Outro como modelo subjetivo. Essa realidade psíquica e social de grande sofrimento e causadora de patologias aos negros e negras, é vista como a base da dominação que se estabelece numa sociedade em que o ser é menos que o ter. A psicanalista negra, Neusa Santos, estudou essas situações da negação de si mesmo na adoção do Ideal de Eu do branco pelo negro, propondo que a cura das feridas narcísicas causadas pela opressão e integração do opressor no interior do oprimido seja a apropriação de ideais subjetivos próprios, que têm relação com uma ação política e coletiva, identitária, pautadas no desejo e na ação militante que traga a enunciação do Eu como forma individual e social na constituição do sujeito.

Vai ao encontro desse projeto a proposta de uma geografia crítica aliada à pedagogia crítica, freiriana, capaz de articular conhecimento, sujeito e história na sala de aula, atendendo, inclusive, à implementação da Política Afirmativa, da qual fazem as legislações que determinam o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas. A inspiração para a fundamentação da pedagogia crítica é Paulo Freire no que concerne à filosofia da libertação do oprimido como central na educação, enfrentando, assim, a “cultura da dominação” (FREIRE, 1997 p. 44).

Assim, é que se propõe a educação geográfica em diálogo com a arte, a literatura e a música, cujas bases epistemológicas da geografia, cada vez mais, têm sido ampliadas no sentido de pensar as desigualdades sociais, econômicas, étnicas, raciais. Ou seja, uma geografia que ao se enegrecer, se constitua como campo do conhecimento capaz de incorporar as vozes oprimidas e capacitem os jovens a “ler” o mundo e desenvolver o que Freire denomina de “práxis crítica”.

É nesse sentido que a literatura de Carolina de Jesus e o *rap* Negro Drama, dos Racionais MCs, são tomados como ponto de partida para o diálogo com os jovens periféricos, acolhendo as narrativas, as singularidades em vista da cura pela fala, como diz Duncan (2008). Essas feridas estão na sala de aula e têm sido cada vez mais difícil para os professores trabalhar com a visão dominante da indisciplina, das insuficiências pessoais e falta de capacidade do negro em formular um futuro para si e para sociedade, como diagnósticos. Trata-se, assim, de repensar os processos pedagógicos do singular às universalidades, estas que estão presentes no livro Quarto de Despejo e no *rap* Negro Drama, pois ambos contam a história da urbanização brasileira, sendo seu centro autores negros que falam a partir da sua história, construindo uma linguagem capaz de comunicar aos jovens negros e à sociedade a longa duração do racismo brasileiro, mas que à negação do negro/a, as resistências emergem e se insurgem nas (re) existências.

**Referências**

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural***?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Giovanni. Marxismo, a alienação e o tempo histórico da barbárie social do capital*. R.* **Katál.**, Florianópolis, v. 16, n. 1, jan./jun. 2013 p. 57-62. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802013000100005/24884> Acesso em: 20 mar. 2021.

BARROZO, Monique Bonifácio; FERREIRA; Simone Antunes. Literatura afro-brasileira: outras contribuições para o ensino de Geografia. **XII ENANPEG**, de 2 a 7 de setembro, São Paulo, *Anais eletrônicos*, 2019. Disponível em:<<http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562640328_ARQUIVO_ENANPEGEMONIQUEBONIFACIO2019.pdf>> Acesso em: 21 nov. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003**, Brasília: DF, Presidência da República, 10 de março de 2008. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>> Acesso em: 15 jun. 2015.

CARRIL, Lourdes de Fátima B. (Ra) Pensando a Cidade de São Paulo - A Música como Veículo de Uma Prática de Ensino Culturalmente Relevante da Geografia. **Biblio3W - REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES***.* Vol. XXI, núm. 1.170 Universidad de Barcelona, 5 de set. 2016.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ O *Rap* no quilombo: a periferia dá seu tom. In: AMARAL, Mônica do; CARRIL, Lourdes (orgs.) **O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade***. Uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. São Paulo: Editora Alameda, 2015. p. 149-163.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ **Quilombo, Favela e Periferia***: A longa Busca da cidadania*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DIAZ, Martha. Renegados: os empreendedores sociais do *Hip Hop* liderando o caminho para uma mudança social. In: AMARAL, Mônica do; CARRIL, Lourdes (orgs.) **O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade***. Uma discussão contemporânea sobre cultura e educação*. São Paulo: Editora Alameda, 2015. pp. 165-188.

DUNCAN-ANDRADE, Jeffrey; MORRELL, Ernest**. The Art of Critical Pedagogy***:* Possibilities for Moving from Theory to Practice in Urban Schools. Peter Lang Publishing, 2008.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma:**uma psicopatologia do Brasil entre muros*.* São Paulo: Boitempo, 2015.

FANON, Franz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Inserção do Negro na Sociedade de Classes**. 3ª.Ed. São Paulo: Ática, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 7ª. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GROSFOGUEL, Rámon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 80, 2008 (Epistemologias do Sul).

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Geoesias**: as Geo-grafias Africanas das poesias. *Cadernos CESPUC de Pesquisa.* n. 19, Belo Horizonte, 2010. Disponível em:< [Geoesias: as Geografias Africanas das poesias | Geny Guimaraes - Academia.edu](https://www.academia.edu/49919025/Geoesias_as_Geografias_Africanas_das_poesias)> Acesso em: em 20 nov. 2021.

HILL, Lauryn. **The Miseducation.** Gravadora Ruffhouse/Columbia. 69min20s. Lançado em 25 de agosto de 1998.

Disponível em: <<https://www.musicontherun.net/2016/07/discos-para-historia-the-miseducation-of-lauryn-hill-lauryn-hill-1998.html>> Acesso em: 15 abr. 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir.** *A educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo***. Diário de uma favelada*. Série Sinal Aberto. 8ª. Edição. São Paulo: Ática, 2001.

JESUS, Carolina Maria de. **Carolina Maria de Jesus – meu sonho é escrever...** *contos inéditos e outros escritos*. Raffaella Fernandez (org.) 1ª edição – São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte***.* São Paulo: N-1 edições, 2018.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. ***Crítica da Razão Negra*.** Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MIGNOLO, W. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**. Bogotá, Colombia, n. 8, p. 243-281, jan./jun. 2008. Disponível em: Acesso em: 13 nov. 2017.

OSUMARE, Halifu. Marginalidades Conectivas do *Hip Hop* e a Diáspora Africana: os casos de Cuba e do Brasil. In: AMARAL, Mônica do; CARRIL, Lourdes (orgs.) *O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade****. Uma discussão contemporânea sobre cultura e educação***. São Paulo: Editora Alameda, 2015. pp. 63-92.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e Música: Uma Introdução ao Tema. [Serie documental de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana]. **Biblio 3W Revista Bibliográfica de Geografia Y Ciencias Sociales. v.** XVII, n. 978. [En linea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de maio de 2012.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A* ***vida escrita de Carolina Maria de Jesus****.* Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In:* SANTOS, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez Editora, 2010. p. 84-130.

RACIONAIS Mcs. Negro Drama. **Álbum Nada como um Dia após o Outro Dia.** Gravadora Cosa Nostra. 01:47:19. Lançado em 27 de outubro de 2002, de Mano Brown e Edi Rock. Disponível em: <<https://acaoeducativa.org.br/artigo-nada-como-um-dia-apos-o-outro>> Acesso em: 20 mar 2021.

RODRIGUES, Natália de Meneses. **Geo-Grafias e Narrativas de Mulheres Negras: A Escrevivência de Conceição Evaristo**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia). Departamento de Geografia – UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2020.

SANTOS, Ivanildo. **Pesquisa analisa ação político-pedagógica do movimento Hip Hop em São Luís.** FAPEMA – Fundação de Amparo à Pesquisa e ao desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, 2015. Disponível em: <https://www.fapema.br/pesquisa-analisa-acao-politico-pedagogica-do-movimento-hip-hop-em-sao-luis> Acesso em: 12 abr. 2021.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo – Editora da Universidade de São Paulo, 7.ed. 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4ª Ed. São Paulo: Edusp. 2006.

SANTOS, Rosenverck, **E. Hip Hop e Educação Popular em São Luís do Maranhão***: Uma análise da organização Quilombo Urbano.* Dissertação (Mestrado em Educação). UFMA - Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2007.

SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos.**Geografia e fenomenologia. São Paulo, Contexto, 2019.

SILVA, Alan Pereira da. ***Entre o tempo, a memória e o espaço na escrita de Carolina Maria de Jesus***. Dissertação (Mestrado). PPGGeo – Programa de Pós-graduação em Geografia/UFSCar, *campus* Sorocaba, 2021.

SOARES, Luiz Eduardo. ***O Brasil e seu Duplo*.** São Paulo: todavia, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SUZUKI, Júlio Geografia e Literatura: Uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski. **Revista da ANPEGE,** v. 2, n. 02 (2005)

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap:** entre a lei do cão e a lei da selva. *ESTUDOS AVANÇADOS.* 18 (50), 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014200400>> Acesso em: 15 abril de 2021.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, V. M. F. (Org.). **Educação Intercultural na América Latina:** *entre concepções, tensões e propostas.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

**Data de Submissão: 14/04/2021**

**Data da Avaliação: 27/10/2021**

1. Professora do DGTH - Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades - UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. E-mail: lourdescarril@ufscar.br. ORCID: https://0000-0001-9054-6880. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre em Geografia pelo PPGGeo – Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFSCar -Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. E-mail: alanpsgeo@yahoo.com.br. ORCID: https://0000-0002-3473-1720. [↑](#footnote-ref-2)
3. JESUS, Carolina Maria de. *Meu sonho é escrever*. Rafaela Fernandez (organizadora). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. [↑](#footnote-ref-3)
4. SILVA, Alan Pereira da. *Entre o tempo, a memória e o espaço na escrita de Carolina Maria de Jesus*. Dissertação (Mestrado). PPGGeo – Programa de Pós-graduação em Geografia, na UFSCar, campus Sorocaba, 2021. [↑](#footnote-ref-4)
5. CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia: A longa busca da cidadania*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2006. [↑](#footnote-ref-5)
6. Trata-se de movimento estético cultural jamaicano, em que a população mais pobre ia para as ruas e fica escutando as músicas os *sound-systems*. Também apareceram os *toasters*, espécie de organizadores/criadores das letras de músicas (CARRIL, 2006, p. 169) [↑](#footnote-ref-6)
7. Os elementos do *Hip Hop*: o Grafite, Break, os MC’s (Mestres de Cerimônia), os DJ´s e o *RAP* (*Rhythm and Poetry*). Segundo Diaz (2015, p. 172), Afrika Bambaata aponta um quinto elemento: “o conhecimento de si e da comunidade”, ou seja, a ferramenta educacional em que o *hip hop* pode ser usado como uma forma de arte que produz conhecimento. [↑](#footnote-ref-7)
8. O Geledés se instituiu na década de 1990, dando apoio ao movimento *Hip Hop*, por meio do Projeto *Rappers Geledés*, sendo então, produzida as Revista Pode Crê

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/geledes30anos-projeto-rappers-reflexao-sobre-o-movimento-hip-hop-video-completo/>> Acesso em 20 nov. 2021. [↑](#footnote-ref-8)
9. A Lei nº 10.639/2003 dispôs sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil foi sancionada em 2003 e alterada pela Lei 11.645/2008, que tornou obrigatórios os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira.

 [↑](#footnote-ref-9)
10. Lançado em 25 de agosto de 1998, *The Miseducation of Lauryn Hill* chegou ao primeiro lugar nas paradas americanas na primeira semana ao ter mais de 420 mil cópias vendidas. Disponível em: <<https://www.musicontherun.net/2016/07/discos-para-historia-the-miseducation-of-lauryn-hill-lauryn-hill-1998.html>> Acesso em 20 abr. 2021. [↑](#footnote-ref-10)
11. Pesquisa analisa ação político-pedagógica do movimento Hip Hop em São Luís. Disponível em: <[https://www.fapema.br/pesquisa-analisa-acao-politico-pedagogica-do-movimento-hip-hop-em-sao-luis](https://www.fapema.br/pesquisa-analisa-acao-politico-pedagogica-do-movimento-hip-hop-em-sao-luis/)> Acesso em: 12 abr. 2021. Ver, também: SANTOS, Rosenverck, E. *Hip Hop e Educação Popular em São Luís do Maranhão: Uma análise da organização* *Quilombo Urbano*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2007.

 [↑](#footnote-ref-11)
12. Ver: CARRIL, Lourdes de Fátima B. (Ra) Pensando a Cidade de São Paulo - A Música como Veículo de Uma Prática de Ensino Culturalmente Relevante da Geografia. *Biblio3W - REVISTA BIBLIOGRÁFICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES.* Vol. XXI, núm. 1.170 Universidad de Barcelona, 5 de septiembre de 2016. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1170.pdf>> Acesso em 19 nov. 2021. [↑](#footnote-ref-12)
13. Segundo a pesquisa anual do IBGE feita em domicílios de todo o país, lançada em 15/07/20, os jovens negros passam, em média, quase dois anos a menos na escola (8,6 anos) do que brancos (10,4). Ver: <<https://www.jcnet.com.br/noticias/nacional/2020/07/729965-negros-sao-71-7--dos-jovens-que-abandonam-a-escola.html>> Acesso em 12 abr. 2021.

 [↑](#footnote-ref-13)
14. Segundo Elzira Perpétua, haveria uma 14ª edição em russo não confirmada em 2014. PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2014. [↑](#footnote-ref-14)
15. Negro Drama é uma canção do grupo de *rap* brasileiro *Racionais MC's*, lançada no álbum *Nada como um Dia após o Outro Dia*, em 2002, de Mano Brown e Edi Rock. [↑](#footnote-ref-15)
16. Ver: “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org.). Coleccion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autônoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciC3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf> - Acesso em 13/11/2021. [↑](#footnote-ref-16)